

## FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DE LEITORES SOBRE BLOGS JORNALÍSTICOS: ENTRE A INFORMAÇÃO E A OPINIÃO

Alaíse Maria C. Ramos ANDRADE (UNIFRAN)\*  
Maria Regina Momesso OLIVEIRA (UNIFRAN)\*\*

**RESUMO:** Ao considerar as mudanças e os questionamentos provocados pelos blogs jornalísticos – que propiciaram o aparecimento explícito da subjetividade do jornalista-blogueiro e deu voz ao leitor, tornando-o um co-autor dos e-textos –, este trabalho investiga como o leitor vê esse novo jornalismo digital: como fonte de informação ou como um espaço para construir e formar opinião?

**ABSTRACT:** The journalistic blogs have made it possible for the reporter/blogger's subjectivity appear explicitly and have given right to the reader to express his/her opinion, transforming him into a co-author of this kind of e-texts. Considering the changes and questions derived from the advent of this type of blog, this current article investigates how the reader sees this new digital journalism: either as a source of information or as room to build and shape opinions.

### 1. Introdução

A blogosfera, como é conhecida pelos internautas, é um espaço que aglutina vários tipos de blogs e caracteriza-se como uma comunidade ou rede social virtual. Segundo a enciclopédia livre *Wikipédia*<sup>1</sup>, o termo foi cunhado primeiramente por Brad L. Graham como brincadeira e depois recunhado por William Quick para designar a comunidade de blogs sobre as guerras em curso, como a do Iraque, e o termo acabou por se propagar pela mídia dos Estados Unidos. O termo ainda se aproxima do sentido de 'logosfera', que pode ser interpretado como o mundo das palavras, e do significado de 'noosfera', como o mundo do pensamento. Nesse mundo dos blogs pretende-se, neste artigo, analisar os blogs jornalísticos.

Segundo Lévy (1997, p.11), o crescimento do ciberespaço é resultado de um movimento internacional, principalmente de jovens, para experimentar coletivamente novas formas de comunicação. Em consequência, abre-se um novo espaço de interação e comunicação, com potencialidades positivas em diferentes campos, como o econômico, o político, o cultural e o humanístico, que estão aí para ser explorados.

Nesse novo espaço de interação e comunicação, encontram-se os blogs jornalísticos, que se constituem a partir da subjetividade e da informalidade do blogueiro e têm um grande potencial de aceitação entre o público leitor, representando assim uma nova mídia.

Diante disso, torna-se importante averiguar que formações imaginárias o leitor tem desse novo jornalismo. Este trabalho tem como objetivo descobrir se o leitor virtual vê esse suporte digital como fonte de informação ou como lugar de discussão para formar opinião.

Para tanto, serão considerados os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa – mais especificadamente os textos de Pêcheux (1990), que abordam a questão das formações imaginárias e as condições de produção de leitura, bem como a noção foucaultiana de ordem do discurso (FOUCAULT, 1999). Também serão estabelecidas algumas relações entre o jornalismo tradicional impresso e o jornalismo *on line* dos weblogs. Para realizarmos as análises, foram selecionados os blogs de Josias de Souza, da *Folha de São Paulo*, e de Luís Weis, do *Observatório da Imprensa*.

---

\* Mestranda da Pós-Graduação em Linguística da UNIFRAN – Franca/SP, pesquisadora junto ao GTEDI e bolsista pela CAPES – e.mail [alaisemcra@bol.com.br](mailto:alaisemcra@bol.com.br).

\*\* Doutora em Linguística, pesquisadora junto ao GTEDI e docente da Pós-Graduação em Linguística da UNIFRAN – Franca/SP e docente do ensino médio no CTI-Unesp – Bauru/SP - e.mail [reginamomesso@uol.com.br](mailto:reginamomesso@uol.com.br).

<sup>1</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>.

## 2. Pressupostos teóricos

Atualmente há uma avalanche de blogs, dentre eles os jornalísticos, e a cada vez mais a aceitação do público leitor coloca-os como um novo meio de comunicação e interação, conseqüentemente, uma nova mídia. Tal fato vem de encontro ao jornalismo tradicional brasileiro, que obedece aos princípios da objetividade, que cumpre um código de ética e se classifica de acordo com a função desempenhada junto ao público leitor: informar ou opinar.

Segundo Melo (2003), os gêneros que correspondem ao universo da informação se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística, sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos, sendo o jornalista um vigia que registra os fatos e os transmite à sociedade, explicando e relacionando as informações. Já os gêneros que se agrupam na área da opinião têm a estrutura da mensagem co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística. Eles oferecem a versão dos fatos: os jornalistas expõem suas próprias opiniões sobre o que lêem, ouvem ou vêem a fim de formar a opinião do leitor.

Os blogs jornalísticos representam um novo jornalismo, pois a tônica que os orienta e os constitui não é mais a objetividade e a linguagem formal, mas a subjetividade e a informalidade.

Isso possivelmente ocorre com o jornalista-blogueiro – que muitas vezes não é jornalista profissional, apenas age por vocação ou desejo de sê-lo – por dois motivos: primeiro porque, de acordo com Schittine (2004), especialista da área, os jornalistas encontram no blog uma maneira de fugir um pouco das obrigações da profissão; segundo, porque o jornalista-blogueiro é antes de tudo um blogueiro e caracteriza essa “classe”, ainda conforme a pesquisadora, uma linguagem fragmentada, rápida e, ao mesmo tempo, informativa e opinativa.

Os blogueiros utilizam uma escrita mais informal e fragmentária. Os textos são rápidos e limpos. Os blogs acabam sendo um meio caminho entre a ficção e a informação, entre o jornalismo e o escrito íntimo, isso quando não misturam bastante uma coisa com a outra(p.156).

Nos blogs jornalísticos não é possível observar uma classificação de categorias, como se vê no jornalismo impresso. Não há uma preocupação com as regras do jornalismo, nem mesmo quando os blogs pertencem a jornalistas ligados a alguma instituição, como é o caso do *Blog do Josias* (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>), ligado à *Folha de São Paulo*, e o do *Blog do Noblat* (<http://noblat1.estadao.com.br/noblat/>), ligado ao *Estadão*. Os textos não podem ser categorizados como informativos ou opinativos (considerando a classificação de Melo (2003)). O que ocorre é uma mistura de categorias ou gêneros.

O jornalista-blogueiro, ao mesmo tempo que informa, interpreta a notícia, relaciona-a a outros fatos e imprime no e-texto sua opinião, sua subjetividade. De acordo com a classificação bakhtiniana dos gêneros discursivos em primários e secundários, poderíamos designar os blogs jornalísticos como gênero discursivo secundário, pois Bakhtin (2003, p. 263) diz:

[...] os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.

Assim como os discursos se classificam em gêneros, sabemos também que todo discurso obedece a uma ordem, a mecanismos de controle que de certa forma selecionam, organizam e controlam o discurso.

Segundo Foucault (1999, p.50):

Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. De modo que a riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais intolerável. [...] Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil de facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados.

Dessa forma, podemos afirmar que tanto o discurso do jornal impresso quanto os *cibertextos* dos *weblogs* em questão obedecem a princípios de controle do discurso. Todavia, os mecanismos de controle dos *cibertextos* dos blogs diferem drasticamente dos mecanismos de controle da linha editorial do impresso. Primeiramente, nos *weblogs*, o editor coincide com o blogueiro. Dessa forma, a seleção das informações não obedece a nenhuma hierarquia ou estrutura editorial. O blogueiro se pauta pela atualidade, pelo imediatismo da informação e pelos *posts* de seus leitores.

De acordo com a pesquisadora Alessandra Aldé<sup>2</sup>, em entrevista para revista Fapesp em agosto/2006:

Ao contrário da edição de um diário, cujas matérias vão sendo modificadas ao longo do dia, sendo mesmo descartadas antes de chegar ao leitor, no jornalismo *on-line* o processo de apuração, reportagem e checagem dos fatos acontece em tempo real e é acompanhado pelos leitores que têm acesso a uma variedade maior de informações fragmentadas e fontes alternativas. (HAAG, p.3-4, 2006)

O jornalismo impresso não conta com essa possibilidade e, além disso, tem uma pauta a seguir que determina “não apenas um elenco de temas ou assuntos a serem observados pelos jornalistas, mas uma indicação dos ângulos através dos quais os acontecimentos devem ser observados e relatados” (MELO, 2003, p.78).

Ao considerar a vantagem intrínseca do blog, poder ser atualizado a qualquer momento, funcionando como um plantão de notícias e podendo cobrir qualquer “furo”, pode-se imaginar que ele chega a servir de pauta para o jornal impresso. É o que afirma Drezner<sup>3</sup> em reportagem a revista FAPESP de agosto/2006: “Os blogs são lidos como um barômetro de interesse num dado tema. Se os leitores-escritores do blog se concentram em algo, isso com certeza, interessará à mídia, que será afetada pelo consenso, da mesma forma que a opinião pública é afetada pela mídia”(HAAG, p.3,2006).

Esse novo meio eletrônico de fazer jornalismo resgatou a exercitação do “faro” dos repórteres, que saem a campo para descobrir notícias. O contrário do que acontece no jornal de tinta e papel. Consoante Melo (2003, p.78), “hoje, essa ação criativa dos repórteres está bastante limitada, pois o seu trabalho diário se orienta pelas prescrições do pauteiro”.

É comum os blogs jornalísticos postarem notícias que só serão veiculadas nos jornais impressos do dia seguinte. Isso pode ser constantemente comprovado, por exemplo, pelo *Blog do Josias*.

Ainda observamos que não só as práticas discursivas submetem-se a uma ordem discursiva, mas também as práticas de leitura. Gregolin (2000, p.31), ao parafrasear Chartier, acentua que:

A leitura é assim, ao mesmo tempo, controlada e rebelde e vadia pois a recepção sempre inventa, desloca, distorce. Nesse sentido, a vigilância do circuito nunca pôde anular a liberdade do leitor na sua incessante atividade de buscar novos significados, deslocando, criando, descobrindo. [...] ao mesmo tempo, esse leitor moldado pela materialidade encontra frestas por onde interpretar novos significados.

A partir do exposto, é possível concluir que a leitura é em parte controlada e em parte livre, podendo o leitor produzir diferentes gestos de leitura, segundo Pêcheux (1997), por meio da leitura do arquivo. É interessante que ressaltemos a atenção dada ao leitor dentro dos blogs jornalísticos. Diferentemente do que ocorre no *ciberespaço*, no impresso não é dada muita abertura ao leitor. Melo (2003) não concorda com a pouca atenção dispensada ao leitor dentro do jornalismo de papel e tinta:

O leitor deveria constituir o principal foco de atenção daqueles que produzem informação de atualidade para a imprensa. Afinal de contas, é em função dele que os repórteres observam os fatos, que os redatores escrevem matéria, que os editores decidem o que divulgar. O leitor representa o outro pólo da totalidade jornalística [...]. Deveria ser. Mas não é. Pois o jornalismo se organizou e persiste sendo um processo de transmissão de informações. Seu fluxo é unidirecional (2003, p. 172-173).

---

<sup>2</sup> Pesquisadora do Iuperj e professora da Uerj, uma das poucas pesquisadoras acadêmicas a se debruçar sobre o fenômeno dos blogs, em especial os de opinião.

<sup>3</sup> Da Universidade de Chicago, autor de *The Power and politics of blogs*.

Talvez este seja um dos motivos das persistentes críticas sofridas hoje pela mídia impressa: o leitor não participa ativamente do processo de produção jornalística, há entre o editor e o leitor uma barreira que deve ser rompida. Essa barreira foi criada, em parte, pela editorialização da mídia impressa, tanto dos jornais quanto das revistas, e vem sendo criticada com frequência por leitores de *weblogs* e jornalistas-blogueiros, que não aderiram à editorialização da mídia de papel e tinta. Abaixo seguem alguns exemplos:

O fato de uma publicação jornalística ter uma opinião, porém, não justifica dar as costas às notícias importantes que nela não se encaixem. Também acho complicado editorializar o material. (Ainda sou daqueles antiquados que acreditam na diferença entre interpretação/análise e editorialização). Não acredito que isso "manipule mentes influenciáveis". Mas, por qualquer medida razoável, é mau jornalismo (SOARES, 2006, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403IMQ001>).

#### **Marco Costa Costa , São Caetano do Sul-SP - T.P.A**

A CartaCapital, a Veja, IstoÉ, Época, entre outras, não têm o direito de defender este ou aquele governo. Isto cheira conluio político com interesses financeiros dos mais sórdidos. Uma imprensa livre e democrática não pode andar de braços dados com o sistema vigente. O papel da imprensa democrática é sempre defender os interesses do povo brasileiro. Quanto aos estudantes que queimaram a revista Veja, não vejo nesta atitude falta da famigerada democracia. Quando não se concorda com alguma coisa que vai de encontro com os interesses do povo, nada mais justo que tomar atitudes desta natureza, porque isto chama-se democracia de livre manifestação. Como sempre, a imprensa neste caso se acha a dona da verdade (SOARES, 2006, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403IMQ001> ).

Com o advento do blogs jornalísticos, nota-se que foi possível romper a barreira citada, houve transformação no processo jornalístico por uma prática comunicativa-interativa, da qual o leitor é convidado a participar. Melo (2003) acredita que romper essa barreira constitui um desafio para o jornalismo impresso: “Romper a barreira que separa editor e leitor, produtor e receptor tem sido um desafio para quantos pretendem que o processo jornalístico deixe de ser meramente informativo (unidirecional) e se converta numa prática comunicativa (bidirecional)” (p.173).

Entretanto, o pesquisador provavelmente não esperava que essa transformação se desse por meio de um novo jornalismo, um jornalismo digital, pós-moderno.

O jornalista-blogueiro propõe-se a dar ampla liberdade a seu leitor para que ele, por meio de *posts*, concorde, polemize, critique ou até mesmo desminta o seu e-texto. É consenso na blogosfera afirmar que blog deve suscitar reações no leitor, caso isto não ocorra, não será bem sucedido.

Dentro dessas condições de leitura, é correto chamar o leitor de *escreitor* ou co-autor, uma vez que a autoria do texto é compartilhada. Ainda é importante lembrar que tudo acontece em tempo real dentro do *ciberespaço*, diferentemente do jornal impresso. “O imediatismo e a interação em tempo real, nesse discurso emergente, são características que deixam o *cibertexto* muito mais atrativo para o leitor e escritor” (OLIVEIRA, 2006, no prelo).

Como afirma Rosen<sup>4</sup> (*apud* HAAG, 2006, p.3): “[...] a hegemonia do jornalismo como o guardião das notícias está ameaçada, não por novas tecnologias ou por rivais, como se imaginava até então, mas potencialmente, pelo público a que ele deveria servir: o leitor, transformado em escritor, jornalista e editor.”

Considerando o que foi colocado, ou seja, que o surgimento de um novo suporte digital midiático propicia ao jornalista explicitar sua subjetividade e dá voz ao leitor, colocando-o como um co-autor da notícia, podemos afirmar que emanam da sociedade vários questionamentos, críticas e dúvidas: muitos afirmam ser os blogs jornalísticos uma nova forma de jornalismo; outros não os aceitam como instrumento jornalístico.

Conseqüentemente, surge uma questão: será o fim do jornalismo impresso? Segundo Aroso (*apud* OLIVEIRA, 2006, no prelo), “muitos autores preconizam o fim da profissão de jornalista e do jornalismo tal como conhecemos”.

Frias<sup>5</sup> (1997) questiona sobre o futuro do jornalismo de papel e tinta em um mercado cada vez mais eletrônico e computadorizado. Diz ainda acreditar que um dia o jornal eletrônico substituirá o impresso.

<sup>4</sup> Professor de jornalismo da New York University.

<sup>5</sup> Luis Frias: empresário e diretor-presidente da Empresa Folha da Manhã S/A. In: *A imprensa em questão*.

Conforme Mesquita<sup>6</sup> (1997, p.62), “embora esses meios (digitais) ainda não atinjam o público que o jornal atinge, este irá passar por uma transformação profunda e dramática, mesmo que não desapareça. Mas não acredito que o jornal continue sobrevivendo nos próximos 50 anos”.

Há algum tempo, era a investigação que dava qualidade e diferenciava o jornalismo da mídia impressa, de acordo com Patarra<sup>7</sup> (1997). Hoje, a investigação da notícia já se faz presente nos blogs jornalísticos, ou seja, aquela diferença de algum tempo não existe mais.

Com certeza ainda é cedo para afirmar que o jornalismo impresso será substituído pelo jornalismo digital. Mas é necessário e interessante observar que a cada dia mais pessoas se interessam em buscar informações no meio virtual, principalmente nos *weblogs*, “o mais novo astro de audiência na Internet”, conforme anunciam jornais, revistas, a própria mídia digital e defende Oliveira (2006, no prelo).

Essa aceitação dos blogs jornalísticos como uma nova mídia traz à tona uma pergunta: como o leitor vê esse novo jornalismo – como fonte de informação ou como espaço de discussão para construir e formar opinião?

Sabemos, a partir de Pêcheux (1990, p.83) que “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias”, ou seja, vemos funcionar uma espécie de formações imaginárias que designam “o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (p.82). Esses lugares são representados na estrutura de uma formação social nos processos discursivos colocados em jogo.

Sendo assim, o leitor digital ocupa um lugar e o discurso do blogueiro, outro. Para que se responda à questão colocada anteriormente, é preciso que observemos a imagem que o leitor atribui ao discurso do blogueiro a partir dos comentários postados por ele (leitor) no espaço virtual. Dessa forma, teremos que analisar como são lidos os textos dos blogs, ou melhor, suas práticas de leitura, investigando a que ordem discursiva esses gestos de leitura obedecem.

### 3. Análise

A partir da análise que se segue, tentaremos responder à questão levantada a respeito de como o leitor digital lê essa nova mídia representada pelos blogs jornalísticos.

A seguir serão examinados comentários dos blogs de Josias de Souza e de Luís Weis.

Inicialmente, percebemos que os posts dos leitores virtuais seguem a mesma tônica dos blogs jornalísticos citada anteriormente – informalidade e subjetividade.

#### [Chiquito][Rio]

Deixa o hómi trabalhar, jornalista. ----->Vai ser ótimo pra gente que não suporta as suas alopradices, ver que, quando elle se ferrar, não vai poder expulsar o Zé Sai Daí, que antes traficava os integrantes da sua republicueta de araque.-----> Entendeu? Agora, quem vai ter que ser catapultado vai ser elle mesmo, pois não terá a quem culpar, tampouco dizer que foi traído, kkkkkkkkkkkk! 09/11/2006 06:58 (Blog Josias de Souza – <http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

#### douglas puodzius, pesquisador (sao paulo/SP)

Enviado em 14/11/2006 às 1:42:44 PM

O interessante é iniciar uma matéria do nada e depois sair por aí, como se diz, repercutindo a matéria. Obviamente, os parlamentares de oposição devem estar nesse momento, como de costume, fazendo centenas de discursos sobre a bombástica matéria do Estadão. É só assistir a tv camara ou a tv senado e a diversão é garantida... É um tal de ler matéria de jornal e fazer discurso inflamado sobre a "verdade" que ali se encontra, que parece o anuncio do final dos tempos. Durante os discursos, cujas as vozes vão se revezando no pulpito, sempre aparece um aparteante com outra informação Bomba de algum Blog, geralmente do Noblat, dando mais consciencia ao tema. No dia seguinte, lá vem as repercussões sobre a matéria sem pai e nem mãe da vespera. E assim seguimos orfãos de informação, ou, a informação orfã nos persegue. De qualquer forma, sempre podemos dar melhor utilidade a um jornal velho (embrulhar carnes ou ...) o problema é o que fazemos com o radio, a tv e a internet... Com relação ao tema. A unica coisa que sei, foi que a oposição ficou por dias dizendo que o pessoal da tv camara alterou o horario de reprise dos seus importantes discursos e que tal atitude ocorrera pelo governismo do pessoal da tv

<sup>6</sup> Rodrigo Mesquita: empresário e diretor da Agência Estado. In: *A imprensa em questão*.

<sup>7</sup> Judith Patarra: jornalista e redatora da revista Caras, Editora Abril. In: *A imprensa em questão*.

estatal. Acho que isso poderia ter entrado na matéria do estado, Mas, talvez o jornalista não seja tão informado quanto eu, ou talvez porque isto não venha de fontes desconhecidas (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

Como se pode notar, a tônica referida é levada ao extremo nos exemplos: a subjetividade aparece tanto pela primeira pessoa quanto por meio da opinião do leitor, da ironia e do cinismo dos trechos; é nítida também a informalidade. No primeiro exemplo, ela é facilmente perceptível na seleção do léxico, na pontuação que simula a fala e na expressão “kkkkkkkkkk”, que representa um sinal digital usado em salas de bate-papo, no *orkut*, em *e-mails*, etc. para simular o riso. Já no segundo trecho, a informalidade é notável por meio das expressões lexicais usadas “como de costume”, “como se diz”, etc, e da falta de revisão textual figurativizada pela ausência de alguns acentos gráficos e pelos erros de ortografia.

Além da intensa subjetividade e da informalidade, percebemos também que cada comentário, referente a um mesmo e-texto, representa um gesto de leitura (PÊCHEUX, 1997) visto que cada leitor lê o arquivo de maneira diferente, pois tem memória e historicidade diferentes.

Abaixo colocamos um grupo de exemplos – retirados do *Blog do Josias* – e procuramos demonstrar, com a clareza desejável, o que foi relatado no parágrafo anterior.

**[Rogério Viana] [Curitiba - PR - Brasil]**

Esta charge do Angeli é emblemática. Lula adoraria criar um manual de redação para todos os jornalistas que (ainda) não usam aquela indefectível estrelinha vermelha no peito, no coração ou no bolso. Ontem, lá na Venezuela, depois da breve lua-de-mel com jornalistas brasileiros, Lula voltou a atacar "azelites" e a imprensa do nosso país, aquela que não está alinhada com ele. Antes, teve oportunidade de enfiar mais uma azeitona na empada do anedotário que criou de si próprio. Chamou a Venezuela de Bolívia! Lula continua comportando-se como se fosse aquele destemperado líder sindical aboletado na carroceria de um caminhão nas antigas manifestações no ABC metalúrgico. Não. Ele é o presidente do Brasil e se esquece disto ao fazer discursos sem preparação e sem tratar as relações institucionais entre países como se falasse para seus "cumpanhêro". Falando nestes, mais um abandonou o barco lulista. Foi-se Gushiken. Lula parece que vai "despetizando" seu governo, aos poucos. Sempre longe daqui. 14/11/2006 08:42 (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

**[Glok] [Itapetininga]**

Só terá uma página,é proibidu fala mal do presidenti e mete o pau na eliti.(Só que eu numsei quem é,para resumi são os que fala mal di min e dos companheiru) 14/11/2006 09:09 (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

**[constantino kaváfis] [Brasília]**

Querem sempre negar mas a atuação da maior parte da imprensa brasileira nos últimos meses foi horrível. Quiseram manipular nossa democracia, difamaram pessoas sem provas, romancearam no intuito de liquidar com determinadas pessoas e partidos políticos. Eu, como cidadão brasileiro, me senti e me sinto dentro de uma ditadura onde os barões donos da imprensa e seu exército lamentável de pobres jornalistas assalariados que dependem do emprego e por isso deixam a ética em segundo plano têm condições de dirigir uma grande parcela da opinião pública atropelando os outros impunemente... Seria isso democracia? Não quero censura, mas quero IMPRENSA DEMOCRÁTICA E UM CONSELHO FEDERAL DE JORNALISMO para sinalizar abusos e coibi-los... os médicos, os engenheiros, os advogados, etc. o têm, por que os jornalistas e jornais também não deveriam ter? 14/11/2006 09:17 (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

**[Nascimento][João Pessoa - PARAIBA]**

14.11.06-9:50 Oi,Josias. Lula nem censurou nem pretende jamais amordaçar a imprensa. Agora tem o direito de defender-se de todo ataque injusto, malicioso, improcedente. O jornalismo, para servir à democracia, tem de observar, antes de tudo, um mandamento: ser imparcial. Vejamos um exemplo: os atrasos nos aeroportos dizem que existem problemas a serem resolvidos, que são necessários mais controladores, treinamento, segurança e conforto para o usuário. Daí a tratar questões como essas com o rótulo de caos, descabro, incompetência, indiferença etc. é apelar, no mínimo, para o incitamento de mamutes que podem agrupar-se e querer atropelar a democracia. Já vi este filme antes pois desde o idos de 1950 que assisto ao espetáculo bufo da imprensa brasileira atrás da conquista do poder. Ela se faz de vítima, exhibe o rosto de uma dama ofendida que, entre lamúrias, pede aos seus

cativos eleitores que a vinguem, que a amparem. E o pior é que sempre encontra apoio para suas ambições desmedidas. 14/11/2006 11:11  
(<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

[Tiago Coel] [Rio de Janeiro - RJ - Brasil]

Cara, tá pra nascer cartunista mais talentoso, genial, direto e sarcástico q o Angeli. Ele consegue dizer tudo com um simples desenho. Genial. 14/11/2006 11:11(<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

Esse grupo de comentários remete-se a uma charge do Angeli (Anexo I), postada no blog do Josias, que faz referência à necessidade de elaboração de um novo manual de redação para o jornalismo brasileiro. Essa charge foi feita após o presidente Lula ter proferido grandes críticas à mídia brasileira em um discurso na Venezuela.

No primeiro exemplo do grupo, Rogério comenta a charge deixando perceber que concorda com o que foi ironizado. Além disso, o comentário contextualiza o momento histórico em que a charge foi criada e recupera vários outros discursos anteriores e simultâneos à charge, a fim de produzir uma crítica severa ao presidente Lula, ou seja, o comentarista relaciona fatos por meio do interdiscurso, acionando a memória, o seu arquivo, e elabora o seu comentário.

O trecho em seguida apenas relata o que, segundo o comentarista, constará nesse virtual novo manual de redação. Glok, para tanto, utiliza-se de uma linguagem bem próxima da fala. Na realidade, parece que ele quer simular a fala de Lula, pois recupera trechos de discursos pronunciados pelo presidente: “eu num sei”, “companheiru”.

Já o terceiro exemplo contém um discurso contrário tanto ao da charge quanto ao dos trechos já discutidos. Constantino produz um discurso crítico em relação à mídia e favorável à sua regulamentação.

É interessante o quarto trecho citado, porque ele já se inicia a partir do fato que deu origem à charge do Angeli: o pronunciamento político do Lula na Venezuela. O comentário contém um discurso que condena as atitudes parciais da mídia por meio de exemplos recuperados no arquivo do comentarista e acusa a mídia de se colocar no papel de vítima.

Diferentemente dos demais, o último comentário, apesar de manifestar um discurso que concorda com a crítica mediada pela charge, não o faz diretamente. O comentarista faz um elogio ao chargista e deixa implícito no texto o seu ponto de vista.

Com esse levantamento dos diferentes gestos de leitura por parte dos leitores digitais, podemos perceber que cada um que lê o texto postado no blog pelo jornalista-blogueiro expressa o seu ponto de vista ao mesmo tempo em que discute, critica ou elogia o discurso do blogueiro. O leitor não busca no blog visitado apenas informação, mas também propõe uma discussão a respeito do tema concatenado.

Dessa forma, torna-se possível afirmar que o leitor virtual é um leitor ativo e ocupa uma posição de co-autor do texto, ou *escreitor*, colaborando na produção da notícia, uma vez que ajuda os demais e posteriores leitores a formar uma opinião a respeito do tema. De certa forma, os comentários representam uma maneira de balancear a notícia do novo suporte jornalístico, caracterizado por não priorizar nem a objetividade nem a imparcialidade.

De acordo com as formações imaginárias de Pêcheux (1990), podemos concluir que o destinatário do e-texto do blogueiro não preenche uma posição apenas de leitor em busca de informação. Ele vai muito além e fala de um lugar de comentarista e analista do discurso postado e do próprio blogueiro, já que diversas vezes percebemos que ele fala diretamente do blogueiro e não só de seu discurso.

[amora] [RJ]

Josias parabéns pelo seu blog, está sempre atualizado. Não facilite a vida de nenhum quadrilheiro que se utilize de cargo publico para beneficios pessoais ou partidários tenha ele a quantidade de votos que for, afinal o clientelismo ainda é uma vergonha em nosso país. 08/11/2006 19:36 (<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>).

Ainda com relação às formações imaginárias e aproveitando o exemplo citado, é possível analisar a imagem que o leitor (destinatário do blog) constrói de seu destinador, ou seja, que lugar ocupa o blogueiro dentro da perspectiva do seu destinatário. Observamos que, para o leitor digital, pelo tom informal e subjetivo que ele utiliza – não tomamos por base somente o exemplo mencionado, mas também os demais utilizados anteriormente –, o blogueiro ocupa o lugar de alguém “próximo” de seus leitores, ou melhor, para os leitores, o blogueiro não fala de uma posição social de jornalista, mesmo que ele seja e ocupe também

essa posição fora do meio virtual, como é o caso de Josias de Souza, colunista da *Folha de São Paulo*, mas sim ocupa um lugar de pessoa íntima e amiga, mesmo que virtual.

Há, possivelmente, entre leitor e blogueiro uma intimidade virtual perceptível pela maneira que eles se referem um ao outro e também pelo fato de a internet propiciar uma proximidade à distância. Esta é, porém, uma outra discussão que provavelmente renderia um outro artigo.

#### 4. Considerações finais

Conforme o que já foi explicado na análise, percebemos que o leitor não acessa os blogs políticos como o intuito único e exclusivo de buscar informação. É sabido que existem vários outros meios de buscar informação, como, por exemplo, as revistas e os jornais televisivos, impressos ou *online*. Os leitores, além de informação, procuram também um espaço onde possam expressar suas opiniões, discutindo o tema abordado pelo blogueiro.

Na realidade, o leitor é convidado a participar do processo jornalístico, ajudando a transformá-lo em uma comunicação interativa. Como já foi dito um blog que não suscite reações do leitor não é bem sucedido, ou seja, o blog precisa da participação do leitor para sobreviver.

E o leitor, a quem até então era praticamente vedado participar do jornalismo tradicional, aceita com grande entusiasmo essa nova maneira virtual de participar da construção da notícia e partilha a autoria do texto com o blogueiro. Observamos também que o leitor aparentemente tem ampla liberdade para ler o texto postado no *weblog*, uma vez que produz diferentes gestos de leitura, que são aceitos e editados pelo blogueiro. É importante ressaltar que o sujeito é aparentemente livre para expressar o que pensa, no entanto se observa nos comentários formações ideológicas, muitas delas reforçando um já dito do blogueiro.

Dessa forma, acreditamos que o blog representa um “espaço de liberdade” tanto para o blogueiro, que se expressa subjetiva e informalmente, quanto para o leitor, que pode manifestar sua opinião e também criticar, discutir ou elogiar o discurso do blogueiro. Essas discussões são importantes, porque ajudam a balancear o teor informativo do blog, ou seja, contribuem para mostrar os dois lados da notícia e formar opinião de um modo mais coerente.

Assim sendo, o número de blogs cresce como uma “bola de neve” e eles são cada vez mais aceitos como uma nova mídia, não por serem informativos, mas por representarem um espaço de discussão para se construir e formar opinião.

#### 5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 263.

DINES, Alberto. et. al. (Orgs). *A imprensa em questão*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

GREGOLIN, Maria Rosário V. Da tela à teia do jornal online. *Revista Nexos: Estudos em comunicação e educação*. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, ano IV, n. 6, p. 25-41, 1º semestre, 2000.

HAAG, Carlos. Quem tem poder sobre o quarto poder? Blogs desmitificam jornalismo e pautam noticiários. In: REVISTA DE PESQUISA FAPESP, agosto/2006. Edição 126. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/extras>>. Acesso em: 25 ago. 2006.

MELO, J. M. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

OLIVEIRA, Maria Regina M. *Práticas de Discurso e de leitura em blogs jornalísticos*. 2006 (no prelo).

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michael Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani [et. al] Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p. 61-105.

SOARES, Marcelo. Imprensa em questão. In: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403IMQ001>>. Acesso em: 17 out. 2006.

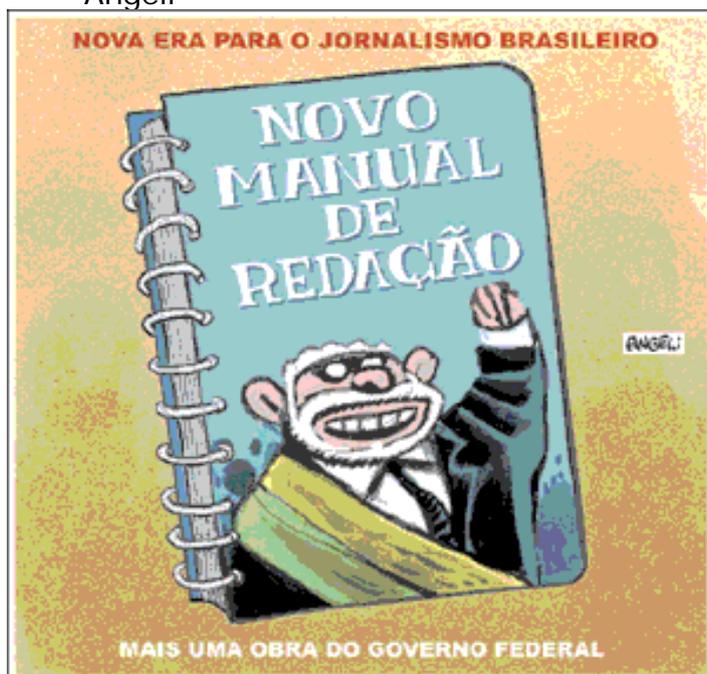
SOUZA, Josias. Blog do Josias: nos bastidores do poder. In: FOLHA ONLINE. Disponível em: <<http://www.josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

WEIS, Luís. Verbo Solto. In: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>>. Acessado em: 15 nov. 2006.

**Anexo I**

**Neo-jornalismo!**

Angeli



Escrito por Josias de Souza às 03h4